

JASPERS, Karl. *La fe filosófica*. Buenos Aires, Losada, 2003. 175 p. ISBN: 9789500392181

José Mauricio de Carvalho¹
Thais Caroline Reis de Ávila²
Edna Rogéria Durães Queiroz³

A editora Losada publicou uma série de conferências de Karl Jaspers pronunciadas na *Universidad de laBasilea* a convite da Fundação Acadêmica livre e da Faculdade de História da Filosofia daquela Instituição. Esse conjunto de conferências importantes para entender como o filósofo pensava o significado da Filosofia foi reunido em livro com o título de *La fe filosófica*. O livro integra a coleção da editora argentina denominada *Obras Maestras del Pensamiento* e ainda não teve edição em português. Portanto, *La fe filosófica* não foi inicialmente concebida como livro, mas como reflexões sobre aspectos fundamentais da Filosofia e mais tarde reunidas numa obra.

A primeira das conferências elucida o título do livro ao esclarecer o significado de fé filosófica. A conferência proposta como capítulo inicial tem por título *O conceito de fé filosófica*. Nela o filósofo explica que não se cai, necessariamente, no niilismo quando se está fora de uma tradição religiosa ou do diálogo com a ciência. Essa percepção inadequada decorreu de historicamente a Filosofia haver servido primeiro à Teologia e depois à Ciência. Assim, historicamente, foi lhe proposta essa alternativa servir a religião ou cair no niilismo, servir a ciência ou mergulhar no niilismo. No entanto, há uma trilha diferente dessas alternativas ao niilismo que foi historicamente oferecida à Filosofia. Jaspers a encontra na fé filosófica. Essa fé não é crença religiosa, depende de empenho próprio e se sustenta numa verdade autêntica à qual se chega pelo raciocínio, embora, como explique o autor, ela (p. 12): “seja uma certeza da verdade que não podemos demonstrar como o conhecimento científico das coisas finitas”. A história da filosofia está cheia de exemplos de pessoas que morreram por uma verdade assim, uma verdade que, sem ser irracional, não se esgota no verificável. Em outras palavras (p. 14): “A fé filosófica, ou a fé do homem que pensa, tem sempre a nota de que só é em aliança com o saber. Quer saber o que é suscetível de saber e se ver a si mesmo totalmente”. Essa fé alimenta a atividade filosófica, mas não alcança a universalidade. Ela também não é convicção desmotivada, nasce da meditação e abarca a consciência intencional, isto é, o sujeito e o objeto. Esse aspecto sugere que a fé tenha um lado subjetivo e outro objetivo. Quando se fica apenas no lado objetivo, essa fé marcha para a credulidade. Como nosso conhecimento do ser é sempre limitado, lição retirada por Jaspers em Kant, não há como justificar uma fé unicamente objetiva. Por outro lado, uma fé subjetiva também não assegura a verdade, colocando-nos a questão da verdade para além desses dois lados. Para Jaspers, ao transcender esses lados descobre-se o englobante, que impede de reduzir a verdade à vivência ou descrição. Por isso, a fé filosófica não se reduz a uma confissão e nem a realidade objetiva. Chegamos a uma questão importante (p. 18): “o universal da verdadeira fé não deve se esboçar como conteúdo de validade universal, nem se tomar como imediaticidade, nem se fixar como histórico, mas se fazer certo historicamente por movimento temporal”. O que nos leva aos

¹ Doutor em Filosofia e Professor do IPTAN e Bolsista da FAPEMIG. E-mail: josemauriciodecarvalho@gmail.com

² PIBIC/IPTAN/FAPEMIG. E-mail: thais.carollyne@gmail.com

³ PIBIC/IPTAN/FAPEMIG. E-mail: ednaduraesqueiros@gmail.com

lados objetivo e subjetivo do abarcador ou englobante que respectivamente se chama mundo e transcendência, por um lado, e existência, por outro. Nesse último caso, o englobante se mostra como existência (característica dos seres vivos), consciência em geral (o modo como o ser se mostra para uma consciência transcendental) e espírito (que é o espaço do pensamento). Esses três modos do englobante é a maneira pela qual individualmente somos um mundo. E essa forma de viver, que Jaspers resume no conceito existência, é cercada de mistério porque, como comprova a Psicologia (p. 22): “Há enfermos que as vezes perdem a consciência da realidade”. Embora fé seja considerada realidade, evidência ou ideia, ela exprime um se abrir ao englobante e se deixar guiar por ele. E ao mesmo tempo nos coloca diante da relação dialética que há entre os polos da consciência, de modo que a fé filosófica (p. 25): “tem em si estruturas dessas dialéticas”. Isso significa deslizar de um polo ao outro em sínteses que não terminam e nem excluem posições antitéticas. É a fé filosófica que impede a Filosofia de se fechar em escolas ou heróis e indica que a história da filosofia (p. 28): “através do desvio do deserto, seja o caminho que conduz à verdade que nela ficou absorvida”.

No segundo capítulo essa questão foi aprofundada. Seu título é: *Os conteúdos da fé filosófica*. Para Jaspers, os dois polos da consciência revelam a fé filosófica, isto é, (p. 29): “Logo o que a irrupção capta o objeto como sendo o ser e como sendo ele (ou eu) mesmo, essa é sua fé”. Isso nos leva a quatro questões com as quais se depara a Filosofia (p. 30): “que sou eu? O que é propriamente? Que é verdade? Como eu sei? ”. A última questão é respondida primeiro pela adesão à tradição de Kant-Husserl, o que sei é o fenômeno, não há objeto sem sujeito, nem sujeito sem objeto. A segunda questão é respondida negativamente: o que há propriamente não é objeto da consciência, não é vivência, não é estrutura do pensamento, não é conhecimento lógico. A resposta à questão sobre a verdade aponta para diversos tipos autênticos de verdade, a verdade prática (ligada ao útil e imediato), a da consciência em geral (que fornece categorias lógicas pela ausência de contradição), a verdade do espírito (que se mostra na convicção) e a consciência da existência (que se revela na descoberta da transcendência). Quanto aos conteúdos da fé eles se revelam: no que transcende o mundo (habitualmente designado por Deus, embora Jaspers descarte as formas demonstrativas de sua existência), como exigência absoluta (portanto como valores que nos sustentam em nossas escolhas), como fenomenalidade (que está entre a existência e a transcendência). Como nenhuma expressão da fé ou de descrença é demonstrável ficam inválidas conclusões como as que se seguem: há apenas o mundo e não há Deus, não há absoluto apenas o relativo, o mundo é tudo. Por sua vez, a crença bíblica lhe parece indicar uma contribuição importante ao assunto nos seguintes termos: Deus é único, é transcendente, se manifesta ao homem, os mandamentos resumem o amor ao próximo (e as exigências éticas), Deus atua na história, o sofrimento tem dignidade no caminho até Deus. Essa crença admissível pode se perverter nas seguintes conclusões que alimentaram diversas filosofias: Deus é abstrato, a transcendência de Deus o afasta do mundo, o encontro com Deus é feito por interesse ou sentimentalismo. O filósofo conclui o capítulo explicando que a razão que se comunica alarga a clarividência dos problemas. Por essa, diz, a comunicação é exigência da razão e a fé filosófica se consolida na fé com o pensado.

Segue-se a terceira conferência. Ela examina o que é o homem. Trata-se de um tema significativo pois este é o principal problema da filosofia contemporânea. Jaspers começa lembrando Kant para quem o homem é (p. 52): “o lugar que eu ocupo no mundo sensível exterior ... e o meu eu interior que me expõe num mundo no qual não me reconheço”. Essas referências de Kant traduzem: o reconhecimento da superioridade do homem em relação aos outros seres (pois somente ele pode mudar seu destino) e o entendimento de que o homem é um ser situado e contraditório (revelado em sua pequenez e grandeza). O Antigo testamento se refere a essa dupla realidade dizendo que o

homem tem as duas condições: a semelhança com Deus e o pecado. O homem tem sido estudado pelas diferentes ciências e todas revelam algo que importa saber, mas deixam ainda muito a dizer. É razoável que o homem tenha saído do inorgânico como entende a Geologia, mas sempre se chega (p. 60): “ao autenticamente incompreensível” quando se considera sua origem. Por outro lado, (p. 62): “todas as dependências mundanas e processos biológicos de desenvolvimento afetam, por assim dizer, a matéria do homem, mas não ele mesmo”. E o que fica sem dizer pela ciência é aquilo que parece ao filósofo determinante quando precisa descrever o ser do homem, a sua liberdade, pois (p.63): “é pela liberdade que adquirimos consciência de nosso ser humano”. Embora a liberdade não possa ser demonstrada a quem não a reconhece, ela parece fundamental para tratar de nossa finitude (ou do que é singular do homem), da abertura ao transcendente que experimentamos quando comprovamos que nada no mundo está assegurado. No entanto, esse infinito que se reconhece, não se conhece. Diz o filósofo (p. 66): “o infinito se roça, ainda que não se capte, principalmente no pensamento da infinitude”. E essa infinitude, apenas vislumbrada aponta sem conhecer para a criação do homem. E há a observar que toda abordagem do homem que não reconheça a liberdade cai na superstição. Assim são as afirmações psicanalíticas ou, quando, (p. 68): “a pseudomedicina pretende converter a liberdade do homem em objeto de investigação”. Na tentativa de conduzir a liberdade ao que pode ou quer ser, o homem constrói um ideal de sua condição que aponta para sua grandeza. A Filosofia mostrou, entretanto, a insuficiência desse caminho, por exemplo, ao reconhecer, com Kant, a impossibilidade de ser sábio e perfeito. Conclui Jaspers (p. 71): “todos os ideais de homem são impossíveis porque o homem não pode chegar a perfeição”. Daí o filósofo conclui: o valor do homem está na trajetória de cada indivíduo e não no da espécie, é falsa a noção de igualdade entre os homens, (ainda que juridicamente eles sejam iguais perante a lei). Há um inegável perigo o homem acreditar que atingiu o que pode ser, pois ele é caminho de liberdade. Na jornada ele precisa contar com as referências que brotam do infinito. Essas referências estão no imperativo ético, Jaspers as encontra também nos dez mandamentos do código mosaico. Ele acompanha Hermann Cohen e os neokantianos para quem o fundamental do imperativo categórico (do modelo ético kantiano) tem origem na tradição bíblica. Mesmo quando convencido de que alcançou a verdade, essa conclusão não pode ser absolutizada, pois (p. 74): “a arrogância do absolutamente verdadeiro destrói a verdade do mundo”. A única forma de vencer a incredulidade é assumir a fé filosófica, que para o filósofo (p. 75): “é a crença do homem na sua possibilidade. Nela respira sua liberdade”.

A quarta conferência, ou quarto capítulo, contempla a relação entre a Filosofia e a Religião. Jaspers avalia que historicamente Religião e Filosofia andaram quase sempre juntas, como inimigas ou como aliadas. Quando se separaram a Religião se tornou desconhecida para a Filosofia. A primeira não participa como a segunda da busca pela verdade, pois o religioso julga que já a tem e não se abre a um diálogo para buscá-la. Dessa diferença de atitude brotam desconfianças mútuas, o Deus dos filósofos parece aos teólogos ser pobre e vazio e o Deus dos religiosos parece aos filósofos capciosas e errôneas descrições da verdade que procuram. Nas experiências históricas mais conhecidas a diferença é explícita: o Deus dos filósofos gregos se impõe como exigência ética e o do Antigo Testamento é o Deus vivente que não aceita imagens nem concorrentes. Apesar das diferenças as ideias de Deus da antiga Grécia e da Bíblia formam as bases do que o ocidente entende por Deus. Diz Jaspers (p. 82): “O monoteísmo grego e o do Antigo Testamento conduziram combinadamente à ideia ocidental de Deus. Se interpretaram mutuamente. Isso foi possível porque a fé dos profetas havia levado a cabo uma abstração filosófica”. Ainda assim não são iguais a meditação religiosa (oração pessoal) e a meditação filosófica. Durante a história alguns filósofos criticaram nas religiões: 1. A multiplicidade delas, avaliado como sinal de inverdade; 2. As religiões terem apoiado condutas horríveis (p.

85): “violências, mentiras, sacrifícios humanos, cruzadas, guerras de religião”; 3. O tormento psicológico que fomentam com o medo do inferno; 4. A hipocrisia que alimentam entre os que não enfrentam as autoridades religiosas, mas vivem em surda desobediência; 5. As religiões separam os compromissos com Deus dos compromissos com o mundo. Jaspers avalia que aquilo que essas críticas têm de justas não se deve às religiões propriamente, mas (p. 88): “aos desvios nelas operados”. Em contrapartida, as religiões trazem inspirações fundamentais aos filósofos: a luta pela verdade e a crítica a verdades insubstituíveis que se desdobram no enfrentamento da exclusividade do caminho até Deus (ou da salvação) e no entendimento. Daí a compreensão moderna que nasce da consciência histórica (p. 90): “o Absoluto não é universal, mas histórico em sua viva impenetrabilidade”. Assim se chega a que (p.91): “O absoluto da verdade histórica implica a relatividade de qualquer afirmação e formas de manifestação historicamente finita”. As formulações históricas não são, portanto, universais e as afirmações universais, como as leis da ciência, não são por sua vez, absolutas. Estabelece-se, desse modo, uma diferença entre a fé filosófica e a religiosa, pois a primeira necessita da livre comunicação e da liberdade no uso da razão. Apesar das diferenças entre elas há elementos na Bíblia que contribuem para a meditação filosófica: 1. Ao culto se segue o esforço de sua espiritualização; 2. As leis religiosas são questionadas quando se limitam à prática exterior; 3. A ideia de um povo preferido é superada pelo reconhecimento da universalidade do amor divino; 4. A Bíblia reconhece um único Deus. Apesar desses aspectos e da existência de frases serenas e puras na Bíblia, adverte Jaspers é necessário atentar que (p. 101): “elas são pouco frequentes e estão misturadas num turbilhão das mais extremas possibilidades”. Além disso, a oração bíblica não promove a autoconsciência, como faz a Filosofia. Apesar disso, há ainda outros pontos com os quais a Religião alimenta a Filosofia: 1. A religião bíblica é contrária ao imobilismo e o cristianismo ensina que o indivíduo deve se esforçar para redimir a si mesmo; 2. Para alcançar a verdade é preciso superar as contradições presentes no texto sagrado e tensões ali presentes que ocorrem na vida: (p. 105): “Deus e mundo, Igreja e Estado, Religião e Filosofia, religião da lei e religião profética, culto e *ethos*”; 3. Esclarecimento e exaltação de um eternamente verdadeiro. Por isso, nenhum grande filósofo ocidental desconheceu o conteúdo da Bíblia, mesmo aqueles que, como Nietzsche, a criticaram. A Filosofia está no mundo e se sustenta nele devido à religião da comunidade e à autoridade que ela ajuda a estabelecer na sociedade. Além disso, os ensinamentos da Bíblia não são encontrados em nenhuma outra fonte. Quando os filósofos tentaram construir uma síntese do que havia de válido nas várias religiões, como durante o iluminismo, produziram um conteúdo frágil e limitado. Por sua vez, os ensinamentos morais mais significativos da humanidade foram construídos no período que vai de 800 até 200 a.C. com grande contribuição do que está na Bíblia. Por tudo isso, apesar das diferenças entre Filosofia e Religião, tudo o que foi dito contribui para a Filosofia e Religião mantenham permanente diálogo.

A conferência seguinte aborda a tarefa da Filosofia e os desvios que, na atividade filosófica, formam inimigos da Filosofia. O título é *Filosofia e Infilosofia*. Jaspers a inicia dizendo que o homem vive em meio a crenças, a fé filosófica é só uma delas. Infilosofia, ele explica, se apresenta como Filosofia, mas na verdade é contrário a ela ou às legítimas crenças que a alimentam. A primeira forma como se manifesta essa não Filosofia é na recusa da transcendência (p. 116): “A realidade retrocede lentamente quando queremos conhecê-la em si e em conjunto, a incredulidade a apreende na absolutização de realidades particulares”. O primeiro dos desvios que Jaspers comenta é a *Demonologia*. Sua primeira manifestação foi a divinização do imanente, radicalizando a recusa à transcendência, ou pior, fazendo uma leitura transcendente do imanente. Historicamente, a demonologia começou com os mitos quando os deuses eram apresentados como realidades explicações do mundo. Contra isso desenvolveu-se uma espécie de recusa dos deuses e uma

divinização da natureza como aparece nos textos de Goethe e do romantismo alemão. Kierkegaard, por sua vez, enxerga o demoníaco no homem (p. 121): “Demoníaco é o homem que quer sustentar absolutamente seu eu”. Portanto, o demoníaco entre os filósofos não é um ser, mas “o que não pode chegar a ser totalmente transparente para si”. Nesse sentido, o demoníaco e o mito são incompreensíveis porque não se esclarecem, são obscuros. Recentemente essa falta de clareza ganhou a forma da irracionalidade e se manifestou no domínio da vida pela técnica que subjuga a existência e promove uma vida pouco consciente. Todas essas formas de tratar a realidade traduzem uma cosmovisão distanciada da fé filosófica. Elas merecem várias críticas assim sistematizadas (p. 125): “a exaltação da vida imanente, que não alcança precisamente a transcendência”. Então, segunda, o homem se perde no exercício da liberdade e, terceira perde também a referência do uno, ou fundamento e, quarta, ele diviniza a natureza. A quinta crítica é contemporânea, o homem está perdendo o sentido ético e o reduz a uma resposta estética. Em outras palavras, ele não se sente responsável por sua vida mergulhando (p. 127): “na falsa grandiosidade das imagens estéticas”. Por fim, o homem elege um suprassensível ilusório. O segundo desvio é a *divinização* do homem. Historicamente isso é observável nas organizações políticas. Diz Jaspers (p. 129): “o tirano, a modo de instrumento do mal para castigar o mal, se converte em objeto de divinização. Alexandre, César, Napoleão e outros passam como ídolos para a história”. A fé filosófica também desmascara essa divinização como desvio do autêntico pensar, pois mostra que o homem é finito e imperfeito. O terceiro e último desvio é o *niilismo* que leva ao relativismo. O niilismo propõe (132): “Tudo é duvidoso. Nada é verdadeiro, tudo é lícito”. Nesse sentido nenhum conhecimento é confiável, nenhum compromisso é absoluto e, portanto, nada é seguro. Nesse sentido, o niilismo se mostra pela negação de Deus, pela recusa da relação entre Deus e o homem, pela ausência de leis morais (e deveres para com Deus). Para Jaspers, esses três desvios da infilosofia (p. 136): “são da mesma índole”. Eles destroem a autêntica fé filosófica. No entanto, esses desvios trazem em si algo da autêntico filosofar: a divinização do homem é uma tentativa de salvá-lo do niilismo, na demonologia (p. 137): “há a verdade da linguagem das cifras da transcendência no mundo” e no niilismo (p. 138): “se pronuncia o inevitável para o homem sincero. Na realidade do ser do mundo, o desespero ante o limite é inelutável. Para toda fé subsiste a prova na possibilidade do nada”. Portanto, há uma raiz da Filosofia na infilosofia e é preciso ter consciência dos limites e riscos da primeira para não mergulhar na segunda. Jaspers menciona entre esses riscos a absolutização do que foi válido numa fase do ser e do pensar, pois a criação filosófica é histórica. A ontologia, por exemplo, diz algo do que é o ser, mas não (p. 142): “o saber do ser mesmo”. A lógica é uma estratégia importante para pensar, mas dizer que a Filosofia se resume na forma é realizar uma reflexão vazia porque retira do pensar o conteúdo. A crença no transcendente é importante, mas isso não pode se traduzir numa crença irracional. Nesses riscos, podem-se envolver os que filosofam; o fanatismo pela verdade pode levar à violência, o desconhecimento da dialética pode sugerir que o caminho até o ser é linear e, finalmente, pode-se tomar o englobante como uma de suas manifestações. Conclui, assim o filósofo, “só se filosofa a partir do englobante”. Ter consciência disso e dos riscos dessa circunstância é fundamental para não cair nos erros na infilosofia.

O último capítulo trata dos desafios futuros da Filosofia. Na realidade La Filosofia del futuro é a afirmação do compromisso da Filosofia com o tempo presente (p. 150): “ao futuro só o servimos com a condição de fazê-lo no presente”. Esse compromisso em pensar o próprio tempo se deve à compreensão de que o entendimento do ser é uma tarefa histórica das gerações. E assim, todas as dificuldades de nossos dias devem ser enfrentadas pela Filosofia: a hipertrofia do valor da técnica, a generalização da angústia, as antinomias entre liberdade e mecanismo, a transformação de povos em massa, destruição dos passados ideais, a bipolaridade política entre EUA e URSS. E assim, em meio a esses e outros

desafios, o filósofo se indaga sobre o papel da Filosofia. O desafio contemporâneo, avalia Jaspers, é reencontrar a fé filosófica, num tempo em que o importante é acreditar em algo, não importa no que. Esse tempo cultiva homens violentos, reduz o compromisso religioso ao culto dominical, assume o niilismo contra a Filosofia. Para esse mundo, Jaspers encontra uma razão para a Filosofia (p. 157): “na pretensão de captar o sentido da vida mais além de todos os fins do mundo”. Filosofia cuja missão é (p. 158): “chegar a ser propriamente homem graças a imbuir-se do ser”. Isso se faz no exercício especulativo de encontrar o saber fundamental e fornecer orientação no cosmo e nas ciências. Ao fazê-lo chega-se à independência do homem, mas não ao tipo de independência que promoveu a psicanálise que leva à destruição do próprio homem. Para Jaspers, o sentido da missão da Filosofia, em nosso tempo, é (p. 160): “assentar de novo a razão na existência”. Isso se faz de quatro modos. 1. Com a busca do transcendente e da inquietude que está além da acomodação, como provocaram as filosofias de Nietzsche e Kierkegaard ao desinstalar o homem contemporâneo. 2. Vencendo o niilismo para alcançar a verdade eterna, que está presente na intenção dos filósofos desde o início do filosofar. Essa verdade, porém, só se mostra no tempo, o que valoriza o estudo da tradição. 3. Descobrimo a ciência que vem antes da modernidade e verificando que ela é condição para o filosofar. Contudo, evitando cair na superstição da ciência que ocorreu na modernidade (p. 169): “O errôneo envolvimento da Filosofia com a Ciência conduzida por Descartes e seu desvio, (...) conduziu à noção de Ciência como saber total e adulterou a Filosofia.” A verdade da Filosofia não é procurada pela Ciência. 4. Valorizar a comunicação como esforço de abordagem da verdade pela fé filosófica. Esse abrir-se à verdade na comunicação não é utopia, mas expressão da fé filosófica.

Por originar-se de uma reunião de conferências, inicialmente publicadas em alemão com o título *Der philosophische Glaube* e, em 2003, traduzidas pelo editor espanhol, o livro não tem o formato propriamente de um livro. Falta-lhe não somente o aspecto formal (introdução, conclusão, bibliografia) mas uma unidade bem alinhavada. Contudo, percebe-se uma continuidade nas conferências e um esforço de aprofundamento das questões propostas. Da primeira à última o filósofo quer esclarecer o que é a fé filosófica numa verdade transcendente. Jaspers a aponta como a marca da Filosofia em sua busca do fundamento (ser) e, especificamente na última, considera os seus desafios e riscos contemporâneos. E destaca numa das conferências o homem, grande tema da filosofia contemporânea, propondo abordá-lo por inteiro. Nesse empreendimento trata do homem para além de seu componente material e vital, tendo por mais importante a liberdade e a construção histórica. Com construção original da atividade filosófica, apresentada como abertura ao transcendente nos limites do fenômeno, Jaspers aproxima, em síntese criativa, a noção metafísica do ser da filosofia transcendental de Kant. Essas duas perspectivas foram por Kant contrapostas. Jaspers também pensa a realidade da tensão que é estar no fenômeno, mas aberto ao que está além do seu limite. E para falar dessa tensão entre o aqui e o além, ele cunha o conceito de englobante para designar de onde brota essa tensão. Englobante ou abarcador é de onde provém a consciência e o objeto na consciência intencional. O seu resultado é o objetivável, mas a inspiração é transcendente. Não se deixa de enxergar nessas análises a influência da tradição neokantiana e fenomenológica que marcavam a filosofia alemã na primeira metade do século passado. É, nessa perspectiva, que ele retoma o valor de verdade total, discute o significado de tradição filosófica, reavalia a ideia de progresso na Filosofia e na Ciência diferenciando-as, esclarece a importância da comunicação da verdade como forma de livrá-la do misticismo e obscurecimento. A fazer tal avaliação da razão humana e do valor do autoconhecimento apresenta uma reflexão nova e soluções inovadoras. Também foi fundamental o propósito de retomar a discussão kantiana do problema do conhecimento, ampliando a investigação para além da lógica ou da analítica de linguagem para onde a conduzia o neopositivismo. A verdade, portanto,

esclarece não é apenas um encadeamento lógico ou uma relação entre signos. Essa é apenas uma das formas pelas quais a verdade aparece. Ao dialogar com a fé revelada ele não se fecha ao que considera fundamental, isto é, a exigência absoluta da moral mosaica e o caminhar da verdade pela história do Deus Bíblico. Porém ele diferencia a fé na revelação da fé filosófica, que não abre mão do esforço racional e nem vai para além dos limites da razão. Nessa obra onde se apresentam considerações amplas sobre Religião, Filosofia, Ciência e até sobre Estética, falta a noção de cultura capaz de articular esses esforços humanos que o filósofo considera fundamentais no desvendamento da verdade. Contudo, ficam esclarecidos os conceitos de Filosofia e o desafio de pensar o sentido da existência para livrar o homem do auto esquecimento, inconsciência alimentada pelo mundo da técnica.

Essas conferências pelos comentários acima apresentados merecem ser estudadas pelos interessados na filosofia contemporânea e, em especial, pelos que se dedicam à fenomenologia existencial. No livro encontramos a exposição dessa filosofia por um de seus mais notáveis representantes.